

# **Henrique Fleiuss e sua produção gráfica brasileira no século XIX.**

*Henrique Fleiuss and his brazilian graphic production in nineteenth century.*

Fonseca, Leticia Pedruzzi; Doutora; Universidade Federal do Espírito Santo  
lepedruce@gmail.com

## **Resumo**

Henrique Fleiuss, alemão que chegou ao Brasil em 1858, foi responsável pela publicação de diferentes periódicos ilustrados e destacou-se pela produção da revista *Semana Ilustrada*, que circulou por mais de dez anos. Além disso, fomentou a produção xilográfica no Brasil através da criação do Imperial Instituto Artístico, que chegou a oferecer curso para formar técnicos especializados na produção de xilogravuras de topo no país. Sua trajetória profissional foi rica em experiências e investimentos, e, o estudo e análise de sua produção visa contribuir para a construção da história do design no Brasil.

**Palavras Chave:** Henrique Fleiuss; Revista *Semana Ilustrada*; Imperial Instituto Artístico e História do design no Brasil.

## **Abstract**

*Henrique Fleiuss, a German who arrived in Brazil in 1858, was responsible for illustrating various periodicals, achieving recognition with his work in the magazine "Semana Ilustrada", which circulated for more than ten years. Moreover, he promoted the use of woodcut printing techniques in Brazil through the creation of the Imperial Art Institute, which offered a course to train specialized technicians who produced the top woodcuts in the country. His career had been rich in experiences and investments, and the study and analysis of his production is contributing to the construction of design history in Brazil.*

**Keywords:** Henrique Fleiuss; *Semana Ilustrada Magazine*; Imperial Art Institute and design history in Brazil.

## Introdução

Durante a segunda metade do século XIX a produção de revistas ilustradas predominou na imprensa brasileira com conteúdo satírico-humorístico e ilustrações impressas em litografia. De 1865 a 1895, circularam no Rio de Janeiro mais de 60 revistas ilustradas (Teixeira, 2001, p. 3). Henrique Fleiuss implantou um modelo na publicação da *Semana Ilustrada*, que foi publicada entre 1860 e 1876. Depois surgiram diversos títulos importantes como *A Vida Fluminense* (1868-1875), *O Mosquito* (1869-1877), *O Mequetrefe* (1875-1893) e a *Revista Ilustrada* (1876-1898), apenas para citar os que tiveram vida mais duradoura. Para Cardoso, o gênio dos desenhistas como Henrique Fleiuss, Ângelo Agostini e Rafael Bordalo Pinheiro, todos estrangeiros, foi determinante para gerar uma cultura de consumo de imagens no Brasil (Cardoso, 2009, p. 122).

## A experiência do Imperial Instituto Artístico e a produção da revista *Semana Ilustrada*.

Os irmãos Fleiuss, Henrique e Carlos, chegaram da Alemanha ao Brasil em 1858 e, dois anos após, inauguraram um Instituto Artístico em parceria com o pintor Carlos Linde. A partir de 1863, o empreendimento foi reconhecido pelo imperador e passou a se chamar Imperial Instituto Artístico. Uma das primeiras e mais importantes realizações do instituto foi a fundação da revista *Semana Ilustrada*, em dezembro de 1860 (**figura 1**). Para anunciar seu lançamento, foi utilizado um cartaz ilustrado considerado pioneiro como meio de comunicação visual no país. Em 1861, o Instituto publicou anúncio no *Almanaque Laemmert* dizendo que produzia “composições e ilustrações de livros científicos e artísticos de qualquer maneira” (Ferreira, 1994, p. 404).

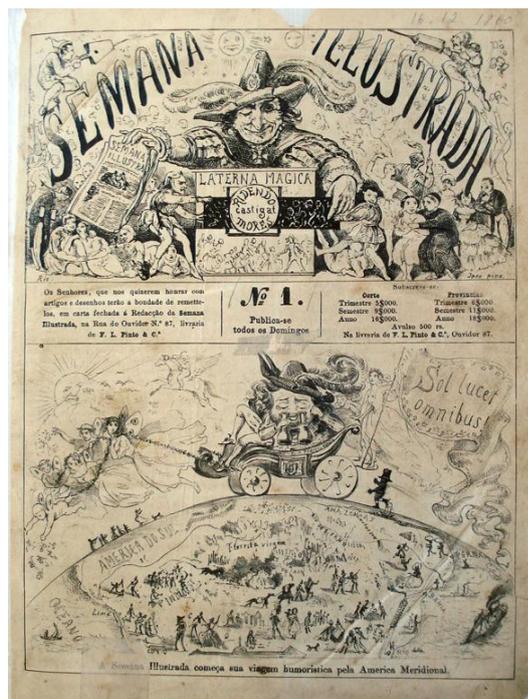


Figura 1. Capa inaugural da *Semana Ilustrada*, 1860 (*Semana Ilustrada*, ano 1, n. 1, 16/12/1860).

A *Semana Ilustrada* era publicada aos domingos, tinha formato pequeno (aproximadamente 20,5 x 26,2cm), e contava com escritores e jornalistas de destaque na

época como Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Nabuco e Bernardo Guimarães. Fleiuss ilustrou e litografou sozinho as páginas da revista até o décimo número, quando passou a publicar também ilustrações de outros artistas. A revista possibilitou ao público leitor um contato inédito com a experiência de perceber criticamente seu próprio cotidiano, divulgando o descaso das autoridades com a precariedade dos serviços públicos e da infraestrutura da capital (**figura 2**) (Fonseca, 1999, p. 217; Nery, 2011, p. 66).



Figura 2. Ilustração criticando a falta de infraestrutura do Rio de Janeiro (*Semana Ilustrada*, n.5, 1861, p. 36).

Cardoso afirma que a publicação da *Semana Ilustrada* foi um “marco divisor que representou uma mudança qualitativa no cenário brasileiro de revistas ilustradas”, pois consolidou a crítica de costumes como vocação de sua produção imagética. Apesar de ter sido comedido em suas críticas, Fleiuss fazia crônica política e social e sua revista satírica foi pioneira em ultrapassar a marca de 10 anos de publicação (Cardoso *in* Knauss, 2011, p. 26). Com o objetivo de formar técnicos especializados em xilografia de topo no Brasil, os irmãos abriram o primeiro curso desse gênero no país. A escola de xilogravura foi anunciada na *Semana Ilustrada* em maio de 1863 e, segundo as informações veiculadas, o trabalho executado pelos alunos iria ilustrar a revista (Andrade, 2004, p. 127-131)<sup>1</sup>.

Tendo a intenção de estabelecer uma escola de GRAVURA EM MADEIRA

(Xilografia) em maior escala, participamos aos pais, que quiserem mandar educar seus filhos neste ramo de arte, ainda pouco conhecido no Brasil, que as condições com que aceitaremos alunos, são as seguintes:

O aluno tem de trabalhar diariamente (com exceção dos domingos e dias de guarda) das 9 horas da manhã até as 3 da tarde.

O aluno assinará um contrato, juntamente com seu pai ou tutor, obrigando-se a não deixar o nosso estabelecimento, antes do fim do terceiro ano.

O aluno trabalhará o primeiro ano de aprendizagem sem receber ordenado algum, não pagando, em compensação, coisa alguma pelo seu ensino; receberá no segundo a gratificação de 120\$000 rs.; e no terceiro a de 240\$000.

O salário será aumentado, conforme o progresso dos alunos, nos anos seguintes.

Os abaixo assinados proprietários do Instituto Artístico ensinarão tudo o que for preciso para esta bela arte, que, em um curto espaço, tornará os moços, que lhe forem confiados, independentes; e cuidarão igualmente na moralidade e atividade de seus discípulos rigorosamente.

Rio de Janeiro, Largo de S. Francisco de Paula, n. 16.  
Instituto Artístico.

Fleuss Irmãos e Linde.

Editores da Semana Ilustrada (*Semana Ilustrada*, n. 129, 31/5/1863, p. 1031).

A intenção de Fleuss era integrar imagem e texto na composição da revista, assim como faziam as publicações europeias. Fleuss iniciou a publicação de imagens xilográficas em meio às páginas de texto na edição nº 115, em 1863, publicando uma imagem do Dr. Semana e do Moleque na página 915, em 1863, publicando uma imagem do Dr. Semana e do Moleque na página 915, que era exclusiva de texto, e nas páginas 918 e 919 outras imagens xilogravadas (**figura 3**).

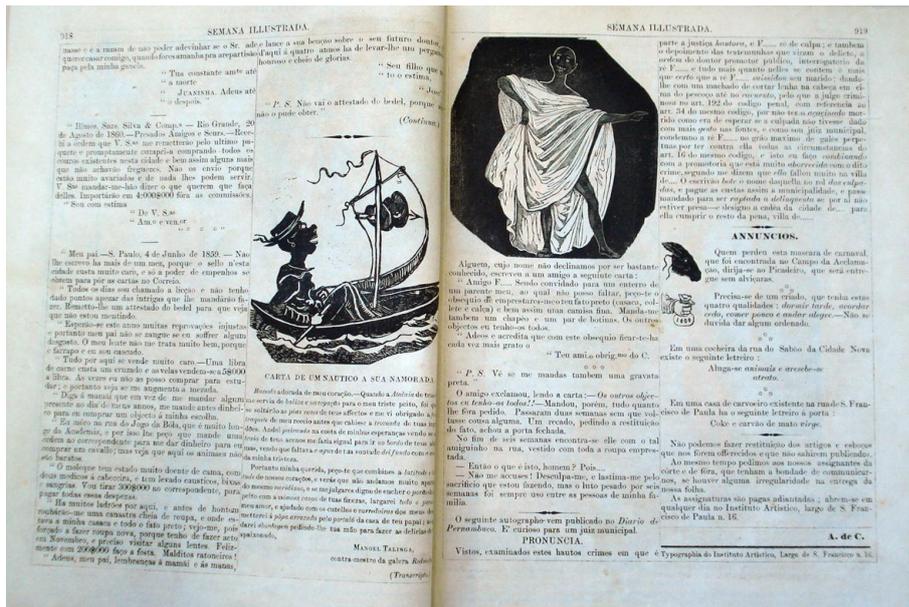


Figura 3. Primeira edição com publicação de imagens xilogravadas nas páginas de texto (*Semana Ilustrada*, 1863, n. 115, p. 918 e 919).

A partir de então, as edições apresentavam corriqueiramente imagens xilogravadas junto ao texto. Apenas na edição de nº 175 é que toda a revista foi impressa em relevo, o cabeçalho e todas as imagens foram produzidas por xilografia (**figura 4**). A partir das análises com os originais foi possível constatar que as edições 175, 176, 177 e 179 foram integralmente impressas tipograficamente, com todas as imagens produzidas em xilografia. No nº 178, a capa e imagens das páginas 4, 5 e 8 voltaram a ser impressas litograficamente. Nesse período, a produção xilográfica esteve presente em muitas edições e as páginas de textos também foram palco das ilustrações com frequência. Ao analisar o exemplar de nº 568, por exemplo, as xilogravuras se restringiram às páginas de texto, que apresentavam vinhetinhas representando sinos para separação do conteúdo e o título decorado da seção fixa *Badaladas* (**figura 5**). Essa produção xilográfica se repetia nos exemplares analisados e não era mais comum a inserção de imagens xilográficas em meio às paginas de texto.



Figura 4. Capa da primeira edição publicada com todas as imagens xilografadas (*Semana Illustrada*, ano 4, n. 175, 17/04/1864, capa).

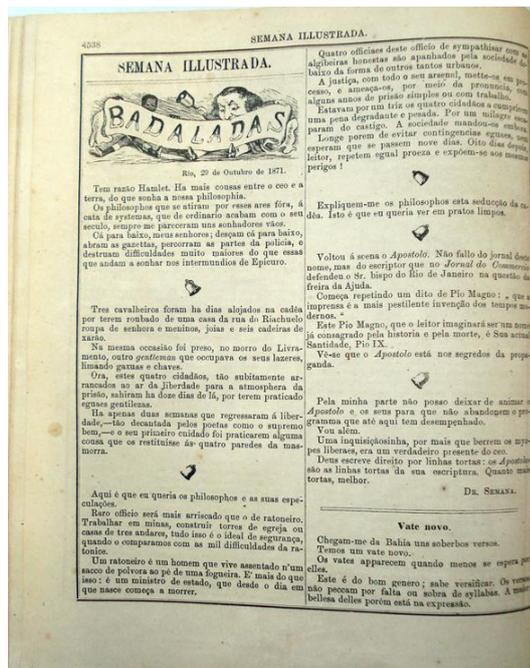


Figura 5. Título decorado e vinhetas xilografadas (*Semana Illustrada*, n. 568, 29/10/1871, p. 4538.).

Com exceção das poucas edições em que a *Semana Illustrada* foi composta integralmente por xilografuras e tipos móveis, os textos e as imagens eram impressos por tecnologias diferentes. Estabelecer um diálogo entre os discursos verbal e visual era o maior desafio para os gráficos das revistas ilustradas litograficamente (Cardoso, P. S., 2008, p. 64).

A divisão entre conteúdo textual e imagético era comum à época por conta das limitações tecnológicas, já que as páginas de texto eram impressas por meio de máquinas tipográficas, valendo-se do alto relevo dos caracteres móveis, e, com imagens produzidas pelo processo litográfico, um método de impressão plana. Assim, a impressão de texto e imagem feitas separadamente, e o alto custo de dois métodos de impressão para uma só página, fizeram com que a divisão entre páginas de textos e de imagens ficasse clara e bem definida na maioria das publicações do século XIX. Andrade explica como funcionava a impressão da *Semana Ilustrada*, como exemplo do padrão gráfico utilizado pelos periódicos ilustrados do período:

Tinha oito páginas impressas em uma só folha: de um lado, a impressão era tipográfica e do outro, litográfica. Após receber duas dobras em cruz e ser refilada, a folha transformava-se em um caderno in-quarto, no qual as páginas 1 (capa), 4 e 5 (centrais, sem interrupção entre uma e outra, o que possibilitava imagens de maiores dimensões) e 8 (quarta capa) continham as ilustrações em litografia. As páginas 2, 3, 6 e 7, impressas pelo processo tipográfico, continham os textos e nestas, às vezes, ocorriam vinhetas xilográficas, montadas com os tipos. Embora em muitos jornais as legendas das imagens fossem manuscritas na pedra litográfica, na *Semana Ilustrada* o lado das imagens sempre recebia uma passada na impressora tipográfica para imprimir as legendas. (Andrade *apud* Cardoso, 2009, p. 53).

Vale ressaltar ainda que os distintos processos de impressão nem sempre estavam disponíveis em um mesmo estabelecimento gráfico, o que demandava deslocar o material em meio à sua produção. Cabe acrescentar que, ao analisar o acervo das revistas, constatou-se que os textos publicados no cabeçalho da capa e nas legendas das imagens litografadas provavelmente não foram impressos tipograficamente em uma segunda passada na máquina impressora, como foi descrito. Com o auxílio de microscópios com capacidade de aumento de 25, 50 e de 60 a 100 vezes, foi feita uma minuciosa análise para entender o modo de produção da revista, e pôde-se constatar que a impressão dos textos nas páginas de imagens também era plana, ou seja, a impressão era litográfica (**figura 6**). Conclui-se que todas as imagens nas páginas de textos são xilogravuras, a impressão é tipográfica e todos os textos das legendas nas páginas de imagens são impressos litograficamente.



Figura 6. Cabeçalho litografado (*Semana Ilustrada*, n. 2, 23/12/1860, capa).

O inventor da litografia, Senefelder, publicou em 1817 o livro intitulado *A Invenção da Litografia*, no qual explicava diversos processos de como se utilizar da técnica, e nesse escrito já havia sido mencionada a possibilidade de transferência do conteúdo. Era possível imprimir os tipos móveis no papel de transferência com tinta litográfica e, a partir daí, passar para a pedra o conteúdo tipográfico (Senefelder, 1911). Toda impressão em relevo forma uma borda mais pigmentada, pois com a pressão sobre o papel para o transporte da tinta ocorre um acúmulo de pigmentos nas bordas do desenho, seja de uma imagem ou um caractere. Em

todas as páginas de textos da *Semana Ilustrada* essa característica da impressão tipográfica foi averiguada com facilidade, porém, em todo o texto publicado, nas páginas dedicadas às imagens litogravadas, não foi possível identificar essa característica: além disso, as bordas das letras são irregulares, mais um indício de que houve transferência da impressão tipográfica para a plana.

Voltando ao projeto do Imperial Instituto Artístico, o objetivo de Fleuiss era formar mão de obra para a execução de xilogravuras de topo e possibilitar a impressão de texto e imagens na mesma página e pelo processo tipográfico (Andrade, 2004, p. 127-131). Foi publicado o *Almanaque Ilustrado da Semana Ilustrada* para o ano de 1864, com gravuras confeccionadas na escola. No ano seguinte, o Instituto publicou fascículos mensais de um livro sobre a *História Natural dos Animais*. A publicação foi finalizada com um volume de cem páginas e quarenta ilustrações, algumas de autoria dos alunos do Instituto e a maioria por estampas importadas, principalmente da Alemanha.

O ímpeto empreendedor de Fleuiss não parou nos investimentos relacionados à produção gráfica, destacando-se também com novidades editoriais: durante a Guerra do Paraguai, em 1865, enviou correspondentes para realizar uma cobertura fotográfica. Com a chegada das fotografias do *front* de batalha, estas foram reproduzidas litograficamente e a cobertura da guerra publicada na *Semana Ilustrada*<sup>2</sup> (**figura 7**) (Cardoso, P. S., 2008, p. 65-66). Em 1876, a revista encerrou sua publicação, podendo ser considerada pioneira no Brasil, nos moldes das revistas ilustradas que dominaram o século XIX.

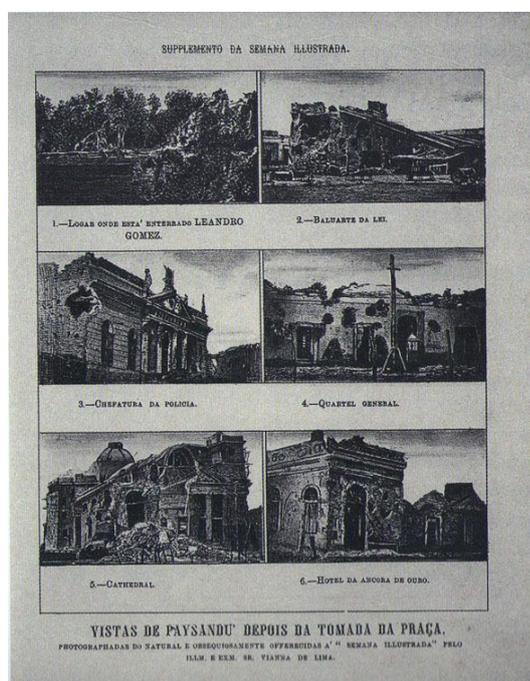


Figura 7. Cobertura da Guerra do Paraguai na *Semana Ilustrada*. Litogravuras produzidas a partir de fotografias do *front* de batalha (*Semana Ilustrada*, 1865).

Para Ferreira, a importância de Fleuiss se deu em grande parte pelo fomento da atividade editorial existente no *Instituto*, e acrescenta que a *Semana Ilustrada* foi um grande sucesso durante os 16 anos em que circulou (Ferreira, 1994, p. 404). O *Dr. Semana*, personagem imaginário que tinha a função de satirizar o cotidiano político da cidade, e seu parceiro *Moleque* apareceram continuamente em todo o período de duração da revista. O *Dr. Semana* era branco, solteirão, bem trajado, frequentador da Corte e, a despeito de criticar a escravidão, morava com seu escravo *Moleque* (**figura 8**). Fleuiss, que era monarquista e

amigo de Pedro II, produzia charges favoráveis ao imperador e por isso foi alvo de sátiras de chargistas como J. Mill, no *Bazar Volante*, Bordalo Pinheiro, em *O Mosquito*; e Agostini, em *Arlequim* e *Vida Fluminense*. Fleiuss inovou quando colocou o *Moleque* discursando no Parlamento em 1864 e o alforriou em 1866, posturas surpreendentes nessa década, pois o movimento em prol da abolição mal engatinhava no país (Mattar, 2003, p. 59; Teixeira, 2001, p. 2 e 7).

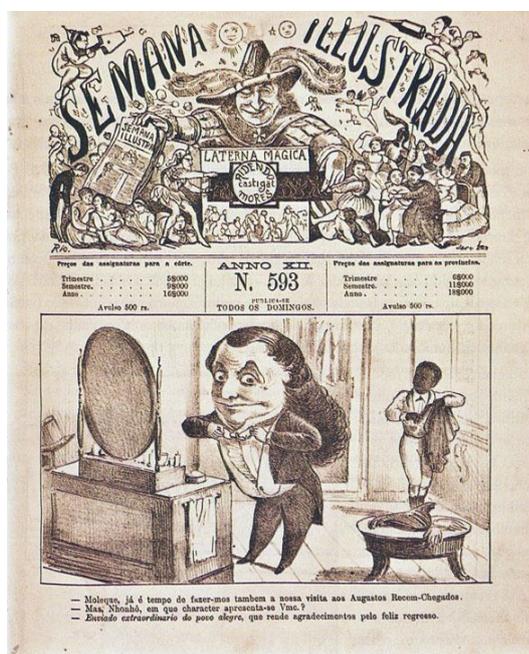


Figura 8. Dr. Semana e Moleque, personagens da *Semana Illustrada* (*A Semana Illustrada*, ano 12, n. 593, 21/04/1872, p.1).

Outra ideia original de Fleiuss foi a representação do índio como símbolo da nacionalidade brasileira. Valendo-se da popularidade da tese do *bom selvagem* de Rousseau, entre a elite europeia no século XIX, a representação de Fleiuss era centrada na ideia da natureza como “pura” e do índio como intrinsecamente bom. Esse índio idealizado era “branco, feições europeias, inocente, jovial e ingênuo, robusto e bem nutrido, com penas e cocares como jamais as usaram nossos silvícolas reais” (figura 9). Foi imitado por todos os chargistas atuantes no final da Monarquia, inclusive por Ângelo Agostini, que também criou sua versão de índio como representação simbólica do país (Teixeira, 2011, p. 7).



Figura 9. Índio idealizado (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 438, 02/05/1869, p. 3504).

Fleiuß publicou na *Semana Ilustrada* a série intitulada “Tipos da Cidade”, em que apresentava uma imagem xilogravada e textos para cada tipo apresentado, como: urubu, barata de mantilha, o negro do ganho, cavalo de Tilbury, mina de frutas, caixeiro da rua do Hospício, camélia cheirosa, pedestre, vendedor de pastéis, cão de rua, porteiro de repartição, pregador de cartazes, o estudante, a atriz, o médico sem clínica, o poeta, o mercador das toalhas de linho, o pedinte de bacia, o militar reformado, o cantor de modinhas, o limpador de bicas, a moça tia, o varredor de ruas e o homem das águas servidas, o taverneiro, o beneficiado, o advogado, a comadrinha e o padeiro (**figura 10**) (*Semana Ilustrada*, nºs 117, 119, 120, 128, 131 e 134). Para ilustrar, é apresentado o texto referente ao pregador de cartazes:

#### Pregador de Cartazes

Anda por aí ignorado um dos tipos mais salientes do nosso mundo artístico. O *pregador de cartazes* é uma individualidade necessária em todos os teatros. No ginásio chamam-lhe de Veríssimo. Veste-se porcamemente, traz um caldeirão de goma na mão, e um maço de cartazes em baixo dos braços. Bebe para distrair-se e assiste aos espetáculos de graça. Ninguém lhe dá importância, mas os diretores lembram-se dele de manhã quando querem dinheiro à noite. É então ele uma coisa de valor no escritório, e faz-se-lhe festa para que não bote os cartazes fora! Que bom amigo das companhias! *Amicus certus in recernitur* (*Semana Ilustrada*, n. 117, 8/3/1863, p. 930).

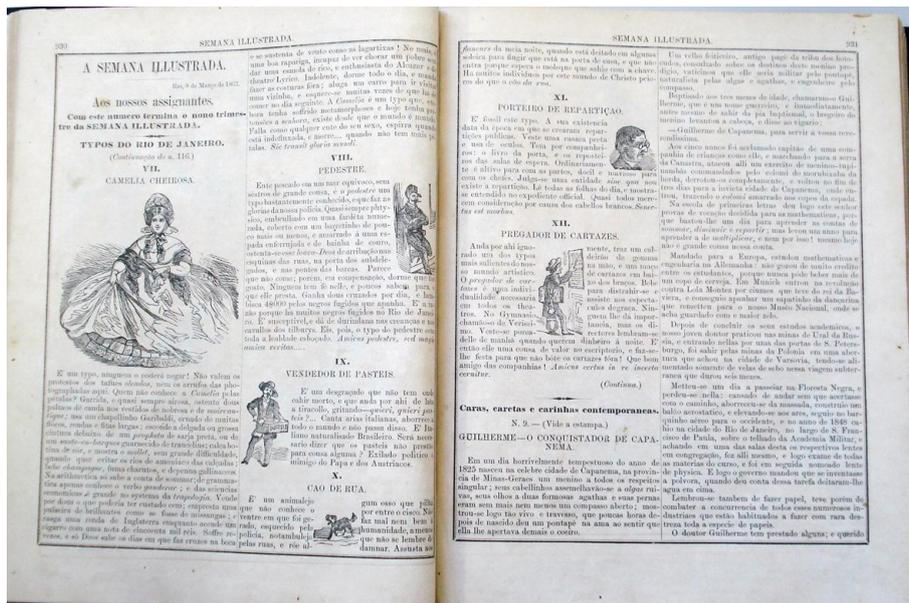


Figura 10. Tipos da cidade (*Semana Illustrada*, 08/03/1863, n. 117, p. 930 e 931).

A ilustração e os textos irônicos sobre os tipos da cidade do Rio de Janeiro formaram um considerável material sobre os personagens da cidade. Em projeto com intenções similares, Raul Pederneiras investiu, no início do século XX, na série intitulada “Cenas da Vida Carioca”.

Foi possível localizar na *Semana Illustrada* dois exemplares com aplicações de cores, os de número 4 e 139. Na primeira, a aplicação de cor ocorreu em uma página do miolo, para destacar os narigões dos personagens caricaturados sob a legenda *Três qualidades de batatas superiores*. A cor trata-se de laranja claro aplicado por baixo da impressão litográfica preta (**figura 11**). Na segunda ocasião, foram aplicadas as cores amarelo e laranja na capa da revista, em que são apresentados dois candidatos, com seus corações preenchidos (**figura 12**).



Figura 11. Aplicação de cor na edição de n. 4 da *Semana Illustrada* (*Semana Illustrada*, n. 4, jan. de 1861, p. 28).



Figura 12. Aplicação de cores na capa da edição de n. 139 (*Semana Illustrada*, n. 139, 09/08/1863, capa).

E, por fim, outra inovação identificada no acervo da revista foram as estampas avulsas, que eram produzidas em papéis muito grossos e geralmente sem indicação da data de publicação. Foi encontrado um cartaz de divulgação da revista, com imagem xilográfica e uso de tipografias display, que surgiram para atender à demanda comercial do século XIX (**figura 13**). Tem-se também um suplemento dedicado à memória do pianista americano L. M. Gottschalk, que faleceu no Brasil em 1869, o qual apresentava o retrato litogravado do homenageado (**figura 14**). Provavelmente existem diversos outros suplementos ilustrados no acervo completo da *Semana Illustrada* disponível em diferentes instituições<sup>3</sup>.

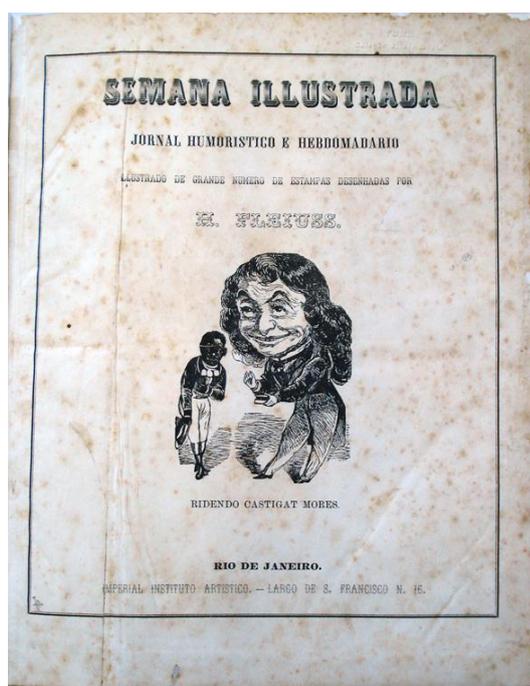


Figura 13. Cartaz de divulgação da *Semana Illustrada* (*Semana Illustrada*, sem data, sem paginação. Encartado no caderno referente ao ano 1863. **Fonte:** Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa).

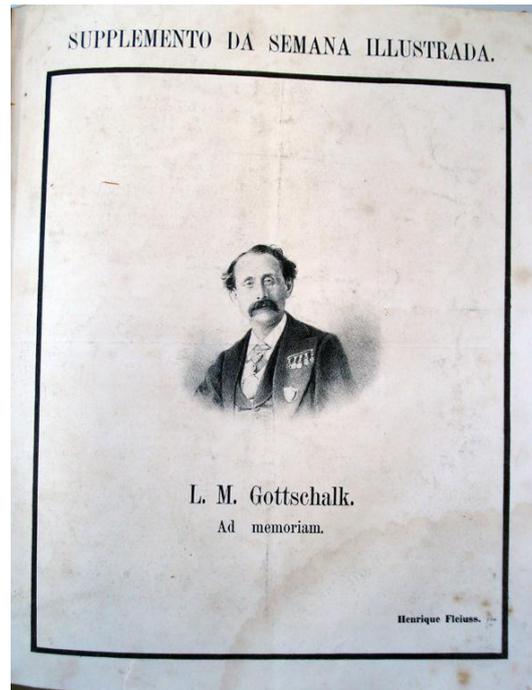


Figura 14. Suplemento da *Semana Ilustrada*, 1863 (*Semana Ilustrada*, sem data, sem paginação. Encartado entre os números 128 e 129, no caderno referente ao ano 1863. **Fonte:** Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa).

Com o fim da *Semana Ilustrada* em 1876, Fleiuss lançou no mesmo ano outra revista intitulada *Ilustração Brasileira*, que seguia o modelo das famosas publicações europeias e era ilustrada com xilogravuras de topo em grandes formatos. Essa inserção de imagens xilografadas levou Fleiuss à ruína, pois o Instituto não conseguia produzir a contento, e o número de estampas importadas e custosas predominava na publicação (**figura 15**). Dessa forma, a revista e o instituto fecharam dois anos depois, e a experiência deixou sua influência no interesse em torno da técnica xilográfica no Brasil. Em 1880, Fleiuss relançou *A Nova Revista Ilustrada*, que consumiu suas últimas economias. Dois anos mais tarde, o artista morreu pobre (Cardoso, P. S., 2008, p. 66; Nery, 2011, p. 65).



Figura 15. Publicação de xilogravuras de topo na *Ilustração Brasileira* (*Ilustração Brasileira*, n. 1, 1/7/1876, p. 5).

De acordo com Teixeira, o traço pesado de Fleiuss, baseado na ortodoxia da representação da anatomia humana das velhas academias europeias, não se sobressaiu com relação aos outros ilustradores de seu tempo. Porém, reconhece-se a importância de sua produção com personagens fixos, pluralidade de quadros e textos verbais, como precursora das histórias em quadrinhos, com sua linguagem gráfica e estrutura narrativa (Teixeira, 2001, p. 8).

## Considerações finais

O aumento do número de títulos e da longevidade de algumas revistas ilustradas brasileiras, na segunda metade do século XIX, corrobora sua importância crescente na mediação e assimilação de questões sociais, políticas e econômicas por meio das imagens satíricas. A discussão, o debate e o destaque dado às questões que faziam parte do cotidiano da população pode ser o motivo desse tipo de publicação ter obtido sucesso e se multiplicado ao longo dos anos. Os embates políticos, que modificaram radicalmente a organização do país em um curto período de tempo, foram largamente satirizados nas páginas dos artistas do traço. O humor esteve presente na produção gráfica e intelectual da época, participando ativamente das discussões geradas, seja pelas críticas em relação aos novos produtos e costumes importados do Velho Mundo, seja em assuntos políticos.

O pioneirismo de Fleiuss e seu vasto trabalho contribuíram para que a segunda metade do século XIX fosse um período riquíssimo de produção iconográfica de toda sorte. A técnica litográfica predominou na produção de imagens, e seu uso similar por diversos artistas gráficos ditou a estética das ilustrações produzidas para as revistas ilustradas. A agilidade do processo litográfico, se relacionado à técnica da xilogravura de topo, por exemplo, que foi incentivada e valorizada por Fleiuss, fez com que ela predominasse nas publicações.

As cinzentas páginas de imagens realistas foram recorrentes nas produções do período. Além disso, o modo de produção e as limitações do parque gráfico determinaram formato e setorização de conteúdo nas revistas ilustradas. As revistas publicadas no Brasil no século XIX eram, em sua maioria, apresentadas em 8 páginas, sendo metade da edição dedicada à publicação das imagens litografadas e a outra metade destinada à impressão tipográfica de textos e eventualmente clichês.

Henrique Fleiuss possui lugar de destaque na história da imprensa e do design no Brasil e sua produção mostra o empenho do artista gráfico em formar técnicos em xilogravura de topo para a ilustração de publicações. A revista *Semana Ilustrada* foi uma das mais importantes publicadas no século XIX e após a análise apresentada pode-se constatar que foi palco de inúmeras experiências editoriais e gráficas.

## Referências

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CARDOSO, Pedro Sánchez. **A Lithos Edições de Arte e as transições de uso das técnicas de reprodução de imagens**. 2008. 256f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARDOSO, Rafael (Org). **Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra**. Introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

KNAUSS, Paulo *et al.* (organizadores). **Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.

MATTAR, Denise (Curadora). **Traço, humor e cia**. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2003.

NERY, Laura Moutinho. Henrique Fleiuss e sua *Semana Ilustrada*. **Revista Educação em Linha**. p. 64-66, 2011.

SENEFELDER, Alois. **The Invention of Lithography**. (English trans. 1911). tr. From the original German, by J. W. Muller. New York: The Fuchs & Lang Manufacturing Company, 1911.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**. Rio de Janeiro: FCRB, Cadernos Avulsos, nº 38, 2001.

---

<sup>1</sup> No livro *História da fotorreportagem no Brasil*, de Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, o episódio da escola merece ampla discussão.

<sup>2</sup> A tese de doutorado de Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, defendida em 2011 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, trata da cobertura da Guerra do Paraguai na *Semana Ilustrada*. O título da tese é *A Semana Ilustrada e a Guerra contra o Paraguai: Primórdios da fotorreportagem brasileira no Brasil*.

<sup>3</sup> Foram consultados os acervos da *Semana Ilustrada* na Fundação Casa de Rui Barbosa, Fundação Biblioteca Nacional e Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.